

A Ratinha¹

Autor - Leon Nikolaevitch Tolstói

Tradução de Valdir Lopes Duarte²

Revisão de Tanira Castro

Certa vez a Ratinha saiu para passear. Caminhou pelo pátio e voltou de novo até sua mãe.

— Ah, mamãe, eu vi duas feras. Uma é horrorosa, mas a outra é bondosa.

A mãe perguntou:

— Diga, como são essas feras?

A Ratinha disse:

— Uma é horrível, anda no pátio e é assim: tem garras negras e crista vermelha; olhos atrevidos e nariz em gancho. Quando passei na sua frente, ela abriu a goela, ergueu as garras e começou a gritar tão alto, que de pavor eu não sabia para onde ir.

— É o Galo — disse a velha Rata. — Ele não faz mal a ninguém, dele não tenhas medo. E então, e a outra fera, como é?

— A outra estava deitada ao sol para se aquecer. Tem bochechas brancas, patas macias, de cor cinza. Lambia seu peito branco e devagarinho balançava a sua cauda, olhando para mim.

A velha Rata disse:

— Sua tola! Boba! Mas esse é o próprio Gato!

¹ Tradução adaptada do original russo do Conto *Mýchka (A Ratinha)* de Leon N. Tolstói, extraído do livro *Ashuka Léva Tolstora (A Cartilha de Leon Tolstói)*, 2ª edição, Tula, Ed. União Poligráfica, 1994, pág. 46. Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

² Licenciado em Inglês - Português pelo Instituto de Letras - UFRGS

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº.8, p. 1-44, out-dez, 1999.

Os Esquimós¹

Autor - Leon Nikolaevitch Tolstói

Tradução de Luciane Bittencourt²

Revisão de Tanira Castro

No mundo existe um território onde o verão ocorre durante apenas três meses. O restante do tempo é inverno. No inverno, os dias são tão curtos que o sol só desponta e imediatamente se põe. Mas durante três meses, exatamente no meio do inverno, o sol não desponta e, assim, nesses três meses, fica completamente escuro. Nesta parte da Terra vivem pessoas chamadas de Esquimós. Essas pessoas falam com sua língua própria. Não entendem a linguagem de outras pessoas e não viajam à parte alguma da terra. Os Esquimós têm uma baixa estatura, porém sua cabeça é bastante grande. Eles não são brancos, e sim pardos; seus cabelos são lisos, negros e grossos. Eles têm nariz fino, rosto largo e olhos miúdos e amendoados.

Os Esquimós moram em casas de gelo. Eles as constroem assim: cortam o gelo em forma de tijolos e fazem suas casas como se fossem fornos. No lugar dos vidros, eles colocam nas aberturas blocos de gelo e, no lugar da porta, eles fazem um longo tubo na neve através do qual entram arrastando-se para o interior de suas casas. Quando chega o inverno, suas casas ficam completamente cobertas de neve e tornam-se aquecidas.

Os Esquimós comem alces, lobos e ursos brancos. Eles pescam peixes no mar com arpões e redes. Abatem os animais com arco, flecha e lanças. Os Esquimós comem, como os animais, a carne crua. Eles não têm linho e nem algodão para fazer camisas e barbantes. Nem lã para fazer tecidos. Eles fazem barbantes das tripas de animais e da pele fazem as roupas.

Eles juntam duas peles com o pêlo para o lado de fora, furam com espinha de peixe e costuram com as tripas de animais. Desse modo, eles fazem camisas, calças e botas. Eles também não possuem ferro. Então fazem as flechas e lanças de ossos.

O que eles mais gostam de comer é banha animal. Mulheres e homens vestem-se igualmente. Mas só as mulheres usam botas muito largas, pois, nessas botas de canos largos, elas colocam os filhos pequenos para carregá-los.

No meio do inverno dos Esquimós ocorrem três meses de total escuridão, pois o sol não aparece nunca. Mas no verão, acontece exatamente o contrário, o sol não se põe no horizonte plenamente, então é a noite que não acontece nunca, dando

¹ Tradução adaptada do original russo *Esquimóci (Os Esquimós)* de Leon N. Tolstói. Texto extraído do livro *Ashuka Léva Tolstora (A Cartilha de Leon Tolstói)*, 2ª edição, Tula, Ed. União Poligráfica, 1994, pág. 112-113.

² Tradução apresentada como trabalho individual de avaliação da Disciplina LET02014 - Língua Russa II, em dezembro de 1999.

Acadêmica de Inglês - Português do Instituto de Letras - UFRGS

Cadernos de Tradução, Porto Alegre, nº.8, p. 1-44, out-dez, 1999.